

FRIEDRICH NIETZSCHE: VIDA E OBRA

I - VIDA

FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE nasceu em 1844, no dia 15 de outubro, na localidade de Röcken perto da cidade de Leipzig, parte oriental da Alemanha. A família era de pastores luteranos, profissão do pai, Karl Ludwig, que morre em 1849, vitimado por doença mental (amolecimento cerebral). Nietzsche tinha então cinco anos. Sua família muda-se para a casa da avó materna, em Naumburg, onde Nietzsche passa a viver em um ambiente feminino - com a mãe, a avó, duas tias e sua irmã, mais nova, Elizabeth. Elizabeth desposa, em 1855, Foerster, um wagneriano anti-semita, nacionalista prussiano; ambos vão para o Paraguai fundar uma colônia de puros arianos.

Em 1858 Nietzsche ganha uma bolsa de estudos e vai estudar na então famosa escola de Pforta (onde estudara Fichte). Depois estuda em Bonn e Leipzig. Escolhe estudar filosofia e descarta a teologia. Em 1869 é nomeado professor de filologia em Basiléia. Nessa época começa a amizade com Richard Wagner, com quem passa a morar em Tribschen, às margens do lago de Lucerna. Wagner morava com a filha de Liszt, Cosima, que tinha metade de sua idade (trinta anos). Cosima havia deixado o músico Hans von Bülow, bem mais novo, para viver com Wagner. Nietzsche encontra neste ambiente recolhimento para seu espírito delicado, refinado e inovador. Lê *O Mundo como Vontade e Representação*, onde, provavelmente, se sentiu atraído pelo ateísmo de Schopenhauer.

Em 1870 a Alemanha entrou em guerra com a França. Nietzsche se alista como enfermeiro. A guerra, no entanto, o faz refletir sobre o papel do Estado e sua relação com a cultura. O insipiente nacionalismo e a simpatia por Bismarck se esvaem rapidamente. Nietzsche prepara-se aí para fugir das velhas crenças e das mais banais necessidades de poder e violência. As crises de ruptura em Nietzsche são produto de *novas idéias*, amadurecidas pela experiência da vida pessoal.

Em 1871 escreve a sua primeira grande obra *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*, aonde Nietzsche vai além das idéias de Wagner e Schopenhauer, considerando-as *pessimistas e conservadoras*. Surpreendendo seus amigos, afasta-se de Wagner e demais filólogos, da velha pomposidade de um império decadente de valores empedernidos. Nietzsche, ao contrário do que muitas vezes se pensa, é um pensador *otimista e vanguardista*. Mas está cada vez mais sozinho. Seus problemas de saúde também pioram: dores de cabeça e de estômago, perturbações oculares, dificuldades de palavra, sintomas que o perseguirão até à morte. Muito possivelmente ainda consequências da difteria e disenteria que contraiu durante a guerra. Em vistas disto renuncia ao ensino e abandona as aulas em Basiléia. “A doença libertou-me lentamente: poupou-me toda a ruptura, toda a diligência violenta e escabrosa... Ela conferia-me o direito de modificar radicalmente meus hábitos.”

Graças ao empenho de seu amigo Overbeck, consegue em 1878 uma pensão de Basiléia. Nietzsche viaja muito, para pensar, para “respirar”, inquieto e procurando amenizar sua doença com climas mais propícios. Convive com poucos amigos – além de Overbeck, Peter

Gast, seu antigo aluno de música e Paul Rée, biólogo e que lhe parece avesso às convenções. Paul Rée namora Lou Salomé, com quem Nietzsche também tem uma afeição especial, acabando por a pedir em casamento em 1882, enlace que Lou Salomé recusa por preferir Paul Rée e também graças à interferência maliciosa da enciumada irmã Elizabeth. Para Nietzsche este final infeliz foi motivo de sua angústia e depressão durante muitos meses o que agravou suas condições de saúde, cada vez mais o levando para a doença mental irreversível – não necessariamente loucura, como os amigos Overbeck e Gast supunham. Os livros escritos por este período são os mais contundentes com relação a uma filosofia crítica que não dá tréguas às convenções, à moral, ao misticismo – *Humano Demasiado Humano I-II* (1878-1879); *O Andarilho e sua Sombra* (1880), *Aurora* (1881).

Os anos passam em agonia e sofrimento para Nietzsche. Dias seguidos tão debilitado que mal consegue sobreviver fisicamente. Por meses sem conseguir pensar, ler, escrever, martirizado por dores de cabeça monstruosas, tonturas, cegueira, vômitos, infecções intestinais. Alternam-se ora momentos de euforia e depressão, ora tudo lhe parece excelente ora tudo é desespero. Ainda assim, neste período conturbado, escreve a sua obra definitiva *Assim falou Zaratustra* (1883-1885) e obras maiores como *Para Além do Bem e do Mal* (1886) e *Para a Genealogia da Moral* (1887).

Chega o ano de 1888 e Nietzsche, como que suas forças prevendo o mal maior que se aproxima, como que destinado a exaurir todas as suas forças antes do “fim”, escreve sem parar: *O Caso Wagner*, *Crepúsculo dos Ídolos*, *O Anticristo*, *Nietzsche contra Wagner*, e sua biografia pessoal *Ecce Homo*. Daí para frente seus escritos parecem mostrá-lo como um visionário cósmico, como um profeta a salvar os homens e todas as coisas. Começam a aparecer cartas estranhas assinadas “Nietzsche-César”, “Dionísio” ou “Crucificado”.

Overbeck corre a Turim e o encontra perdido e especialmente excitado. Consegue o levar de volta para Basileia onde Nietzsche se deixa internar calmamente. No início o diagnóstico é de uma “paralisia cerebral progressiva”. Levado para Iena, os médicos supõem uma “infecção sífilítica”, remontando a 1866. No final de 1890 a irmã Elizabeth volta do Paraguai para ajudar sua mãe a cuidar de Nietzsche – seu marido havia se suicidado após o fracasso de sua tentativa nazista. Nietzsche permanece ativo para a música, mas esquece toda sua obra. A evolução de sua doença avança lentamente até à apatia e à agonia. Nietzsche morre em Weimar a 25 de Agosto de 1900.

II – FILOSOFIA

Apesar da obra de Nietzsche ser pontuada por momentos de saúde e sossego e outros de doença e extrema angústia, e ainda que vários conceitos e idéias principais estejam distribuídos ao longo de sua complexa obra, é possível tentarmos efetuar um percurso que de forma lógica esclareça a proposta de seu pensamento original. Qualquer tentativa em colocar uma “ordem” em um pensamento tão profundo e radicalmente rejuvenescedor será sempre apenas uma possibilidade dentre várias, portanto, tão sujeita a imperfeições como qualquer outra. Fazendo-o temos a intenção de facilitar o acompanhamento do leitor-ouvinte.

Assim sendo, trabalharemos com uma lista dessas idéias principais que nos servirá de fio condutor: 1. O Papel da Filosofia; 2. A Vontade de Poder; 3. Niilismo e Degenerescência; 4. Deus Morto e Homem Superior; 5. O Super-Homem; 6. O Eterno Retorno.

1. O papel da Filosofia

A idéia de Filosofia que Nietzsche apresenta em sua obra tem raízes no pensamento grego pré-socrático. Nesse período, antes do século V a.C., o filósofo tem por missão interpretar e avaliar a vida como um fragmento possível do todo cosmológico. Vê a sua missão como o médico que diagnostica pelos sintomas e como o artista que cria perspectivas. Então, a vida ativa o pensamento e o pensamento, por seu lado, afirma a vida. Como o legislador de então, o filósofo percebe os males pelo que ele captura da realidade, mas vai prescrever a medicação dando liberdade à sua imaginação: filósofo-legislador.

Nietzsche acredita que posteriormente, de Sócrates (Séc.V a.C.) a Hegel (Séc. XVIII), o pensamento filosófico ocidental vai sofrer de um “colapso moral”, uma “paralisia de valores” e um misticismo que se agrava na tradição judaico-cristã. Desde Sócrates, Nietzsche identifica uma condenação da vida em nome de valores superiores, do pensamento absorvido pela definição do certo e errado, do bem e do mal, das leis de coletivização da vida, as dúvidas e angústias dos homens em relação ao Eu, ao Mundo, a Deus, à causalidade, à finalidade, etc. Neste sentido, a filosofia está cada vez mais afastada das possibilidades da vida simplesmente, como ela é, em sua “santidade” natural.

Assim, mais do que se ocupar com sua finalidade crítica, a filosofia e o filósofo vão se alinhar com a construção de valores superiores à vida na medida em que se orientam por fórmulas e olhares adequados às verdades de sempre. De filósofo legislador, crítico e criador de novos princípios, ele se transforma em um filósofo submisso e conservador dos valores admitidos. E na medida em que a vida mesma ocupa agora um segundo patamar em suas preocupações, a filosofia passa a carregar os mesmos fardos dos homens, e em nome da verdade racional, carrega e submete o pensamento crítico à mesmice da obediência sem contestação. Pela força dos Estados, religiões, valores em uso, etc., *a filosofia está esterilizada e o filósofo responde de forma reativa a esta esterilização.*

Diante desta obliteração e deste casuísmo a que se submeteu a filosofia, o filósofo deve reagir como aquele que destrói as verdades eternas, que usa da iconoclastia e da irreverência para criar passagens, abrir caminhos e forçar olhares díspares sobre a multiplicidade plástica da vida e de suas proezas. No entanto, esta tarefa de “transmutação a marteladas” não é coisa simples e esperada.

Nas palavras de Nietzsche, “Aquele que sabe respirar a atmosfera dos meus escritos sabe que é uma atmosfera das alturas, que o ar aí é forte. É preciso ser criado para esta atmosfera, de outra forma arriscamo-nos a apanhar frio. O gelo está perto, a solidão é enorme – mas vejam com que tranquilidade tudo repousa na luz! Vejam como se respira livremente! Quanta coisa sentimos abaixo de nós! A filosofia tal como a vivi, tal como a compreendi até o presente, é a existência voluntária no meio dos gelos e das altas montanhas - a pesquisa de tudo o que é estranho e problemático na vida, de tudo o que, até ao presente, foi banido pela moral. O grau de verdade que um espírito suporta, a dose de

verdade que um espírito pode ousar, foi o que me serviu cada vez mais para dar a verdadeira medida do valor. A minha filosofia será um dia vitoriosa, porque até agora só se proibiu, por princípio, a verdade”. (*Ecce Homo: 1888*)

2. A Vontade de Poder

Diante deste verdadeiro desperdício vocacional da filosofia e do infortúnio que assola o filósofo, Nietzsche sugere que o jogo de forças que se fazem presentes em qualquer realidade humana precisaria ser acalentado por uma *vontade superior* com relação à história e à verdade. Forças que se relacionam geram “vontade”. Vontade para quê? Para “poder” *criar e dar*.

A *vontade de poder* é uma *potência* universal e cosmológica com base na qual tudo se cria, recria e distribui pelo universo. *É o querer fazer, é querer fazer do ser que pensa no devir*. O ser que pertence ao devir, ao que vai acontecer, não ao que é ou foi, necessariamente é um ser fomentador de mudanças, um criador de valores e princípios novos. Ele é auto-afirmativo, apesar de ser crítico, a começar por ele mesmo. Ele está sozinho no ato prepositivo de criar, predisposto à destruição do que é e está.

Este poder está em todos os homens, provavelmente como está em toda a essência do universo desde sempre e para sempre – talvez por isso, nos últimos escritos, Nietzsche pareça um profeta cosmológico. Por isso, a *vontade de poder* nada tem a ver com cobiça, com posse, com dominação, violência, vingança ou ressentimento. Apenas e magistralmente todo o impulso de querer criar. O poder, como *vontade de poder* em Nietzsche, não é sucumbir à vontade, mas dominá-la para que seja submetida ao que se quer. Podemos perceber como a filosofia de Nietzsche nada tem a ver com qualquer tipo de sistema político autoritário. Na prática, Nietzsche detestava se envolver com política.

Não é o desejo banal que deve mover o filósofo, mas a potencialidade de se criar algo novo. Para isso precisa dominar o poder para realizar aquilo que se deve realizar, o novo, o inusitado, criar a liberdade para transformar, não apenas na superfície, mas na essência a moral de sempre - combater a degenerescência de um devir que nada muda, que se perpétua por valores e princípios de sempre.

Este querer, esta *vontade de poder* fazer, transformar, transmutar, encontra-se já como categoria do inconsciente, pois mesmo ali os valores e os hábitos são distorções do real. *Derrotar a moral para se atingir a ética. Ir além do radicalizar*. Para Nietzsche, fugir dessa fraqueza de se escravizar ao mesmo de sempre, até nas categorias mais psicológicas, implica em ultrapassar aos “radicais”, porque estes também já são expressões dos valores morais e da realidade mimética. Esta luta em aceitar a *vontade de poder* é a própria redenção do castigo e a liberdade de cada um – daí a construção de uma verdadeira ética.

Nietzsche diz: “E como mesmo naquele que quer há dor, porque não pode voltar ao passado, foi preciso que o próprio querer e a vida inteira aparecessem como um castigo. E desde então, nuvens sobre nuvens amontoaram-se sobre o espírito, até ao dia em que a loucura acabou por pregar:

‘Tudo passa, pois, tudo tem o mérito de passar. E é a própria justiça, esta lei do tempo que a obriga a devorar os seus próprios filhos’ – assim pregou a loucura.

‘Todas as coisas são regras segundo uma ordem moral de legalidade e de castigo. Como livrar-nos do fluxo incessante das coisas e do castigo da existência?’ – assim pregava a loucura.

‘Pode haver redenção, se existe um direito eterno? Oh! Ninguém poderá fazer rolar, alguma vez, a rocha do “fato consumado”; todas as penas, necessariamente, são eternas.’ Assim pregava a loucura.

‘Nenhuma ação pode ser apagada. Como é que o castigo a poderia abolir? Aqui está o caráter eterno deste castigo que é a existência; a existência não pode ser senão uma sequência eterna de atos e erros. A menos que o querer não acabe por se libertar e que o querer se torne não-querer’ – mas vocês conhecem, meus irmãos, este estribilho de desrazão.

Desviei-vos deste estribilho ensinando-vos: o querer é criador.

Tudo o que foi não passa de fragmento, enigma e horrível acaso, até ao dia em que o querer criador declare: ‘Mas eu quis assim’.

Até ao dia em que o querer criador declare: ‘Mas eu quero-o assim. E querê-lo-ei assim’.

Mas disse alguma vez estas palavras? E quando será isso? O querer já desposou a armadura da sua própria loucura?

O querer já se tornou o redentor de si próprio, o mensageiro de alegria? Terá desaparecido o espírito de vingança e qualquer espécie de roçar os dentes?

E quem, pois, lhe ensinou a reconciliar-se com o tempo e a fazer o que é mais elevado do que qualquer reconciliação?

O que deve querer o querer, que é querer de poder, ultrapassa qualquer reconciliação? – mas como se chega lá? Quem lhe ensinou a querer mesmo o retorno a tudo o que foi?”.

(Assim Falava Zarathustra, II, ‘Da redenção’: 1883)

3. Niilismo e Degenerescência

Para Nietzsche existem dois tipos de forças: *ativas* e *reativas*. Assim também a *vontade de poder* possui duas qualidades: *afirmação* e *negação*. Pela *vontade de poder* uma força pode ser afirmativa, mas também, pela vontade de poder, uma força pode ser negativa. Forças ativas são afirmativas e forças reativas são negativas - concebidas então como as duas faces da mesma moeda, as duas possibilidades da mesma *vontade de poder*. Então, a *vontade de poder* é em gênese uma “potência” de criatividade, ou pode ser “potência” de repetição infinita.

No entanto, a criticidade e a criatividade assumem para Nietzsche os papéis preponderantes das forças ativas, cujo “caráter” é a *multiplicidade* com que a *afirmação* do querer se defronta. Já a *reação*, a reprodução infinita dos valores, das crenças e dos hábitos, revela o lado de *negação* do querer que, em última instância, preconizam o *único* - o *Uno*.

A questão agora é descobrir, diante da história, porquê a *negação*, as forças *reativas* levam a melhor na *vontade de poder*. Por toda a parte vemos o triunfo do “não” sobre o “sim”, da *negação* sobre a *afirmação*, de tal forma que já nem podemos compreender o que significa agir! Esta vitória da *negação* sobre a *afirmação*, Nietzsche interpreta como sendo “Niilismo”, fenômeno a que nos habituamos e procuramos incessantemente, e que acaba

sendo, nas palavras do autor, “o trunfo dos escravos” – algo que deve ser objeto da psicologia.

Até na seleção natural, tendo em vista a ciência de Darwin, a adaptação como sobrevivência das espécies não revela, como se costuma afirmar, o mais forte, mas exatamente o inverso, pois a força criativa acaba cedendo a um punhado de mandamentos e transformações cristalizadas. Por aqui se pode compreender como Nietzsche encara essa circunstância e essas personagens: os “escravos” e “fracos” levam a melhor. Não se trata do poder de articulação destes “seres inferiores”, não por adição de suas forças, mas por subtração da força do outro, separando-o daquilo que ele pode.

A reação triunfa não pela composição ou articulação de seu poder, mas pelo “contágio”, pelo vil esvaziamento da potência afirmativa da ação do querer. A consequência é um devir reativo de todas as forças, um prolongar-se em um ente fraco que submete o devir como única razão e crença, único misticismo – esta é a sua fraqueza criativa. O devir não é mais múltiplo, o ser deixa de estar no devir, mas ele mesmo é o devir. Por isso, quando o homem mata Deus, tem que assumir o fardo de ser o Deus de si mesmo. A esta sequência de repetição e unidimensionalidade da existência, Nietzsche chama de “Degenerescência”.

Claro, pois, que Nietzsche não está chamando de “escravos” e “fracos” no sentido comum dos termos, como totalmente despossuídos ou plenamente incapacitados, mas apenas como portadores das forças reativas e negativas. Pensando bem, Nietzsche chama a atenção para a verdade que queremos calar: *o escravo não deixa de ser escravo ao tomar o poder, nem o fraco, tão pouco, o deixa de ser.* Contra os autoritarismos, totalitarismos, os homens superiores cheios de verdades e idéias pomposas, e psicólogos de massas. A vitória das forças reativas não as transforma em afirmativas, pelo contrário, esse tipo de vitória só denigra e faz enfraquecer mais e mais as potencialidades do ser criativo, pois aqui se trata não de força e poder, dominação ou violência, mas de *baixeza* ou de *nobreza*.

Nietzsche: “Fui o primeiro a ver a verdadeira antítese: o instinto que degenera e que se volta contra a vida com um ódio subterrâneo (cristianismo, filosofia de Schopenhauer, num certo sentido já a filosofia de Platão, o idealismo inteiro, como fórmulas típicas) e uma fórmula da *afirmação superior*, nascida da plenitude e da abundância, uma aprovação sem restrições, a própria aprovação do sofrimento, até do erro, de tudo aquilo que a existência tem de problemático e de estranho. Esta última e alegre confirmação da vida, confirmação transbordante e impetuosa, responde não somente ao entendimento superior, responde também ao entendimento mais profundo, aquele que a verdade e a ciência confirmaram e apoiaram com mais severidade. As partes da existência que os cristãos e outros niilistas rejeitam são mesmo de ordem infinitamente superior na hierarquia dos valores do que aqueles aos quais os instintos da decadência dão e têm o direito de dar a sua aprovação. Para compreender isso é preciso ter *coragem* e, o que é uma condição de coragem, uma excedente força; porque, exatamente na medida em que a coragem pode expor-se em frente, segundo o mesmo grau de força, aproximamo-nos da verdade. O conhecimento da realidade, a aprovação da realidade são para o forte uma necessidade tão grande como é, para o fraco, sob inspiração da fraqueza, a covardia e a *fuga* diante da realidade – “o ideal”... Não é livre de conhecer quem quer: os decadentes têm necessidade da mentira, é uma das condições de existência”. (*Ecce Homo*: 1888)

4. Deus Morto e “Homem Superior”

O triunfo do *niilismo* como negação da vida assenta em três categorias psicológicas profundas: o *ressentimento*, a *má consciência* e o *ideal ascético*. Depois, o início da recuperação da vida quando o homem, com a *morte de Deus*, *torna-se* o próprio Deus – quarta categoria. Finalmente, surgirá produto histórico do niilismo o *último homem que quer morrer*, o “super homem” – quinta categoria de transmutação.

Nietzsche invoca a história para mostrar como o homem tem uma preferência especial em culpar os outros por erros cometidos, até os seus. A condenação e a perseguição é a mutilação do espírito empreendedor e oprime as possibilidades de criar a vida sem sofrimento quanto mais se repete “é teu o erro”. Esta condenação é incentivada pelo poder. Este é o primeiro e profundo traço de nossa psique, o *ressentimento*, que enfraquece a todos e nos enfraquece, cria a tristeza e rouba a vitalidade para a vida afirmativa e ativa. Esta vergonha nos separa da potência do querer, e nos obriga a viver uma vida de rebanho distante do que pode – o “cordeiro” que segue por inanição o rebanho.

A contrapartida do *ressentimento* é a *má consciência*. Agora a negação da vida, o niilismo se volta para dentro, contra cada ser, como que a expiar a própria condenação dos outros à vida de rebanho. Agora a condenação e a perseguição é uma auto-mutilação do espírito quanto mais se repete “é meu o erro”. Esta auto-flagelação é explorada desde sempre pelos sacerdotes, pelos patriarcas, pelos governantes, pelas religiões e pelos pseudo-filósofos – os que “apascentam” o rebanho. O segundo traço profundo de nossa psique, a *má consciência*, que nos enfraquece, nos entristece, cria a vergonha e o arrependimento como sentimento de “nobreza”. Esta vergonha nos separa do poder, e nos obriga a viver como o “cordeiro” sacrificado de forma permanente.

Imediatamente, surge o *ideal ascético*, a contemplação e a “fuga” rumo ao divino, ao misticismo, ao idealismo, com absurda recusa da aceitação da vida como afirmação de crescimento - também pelos espinhos e erros. Esta sublimação é condenada por Nietzsche como uma *ascese* de vida fraca ou reativa, que conduz a vontade de poder a nada. Aqui a vontade é de nada, e é a condição de triunfo profundo do niilismo e da negação, porque a vontade se esvai, e a vontade de nada mutila e é própria de vidas fracas. Este é o momento derradeiro da sublimação da fraqueza e da vontade de rebanho – a diferença para o Crucificado: *usaram Aquele para dominar a vida pela dor e remorso, enquanto Nietzsche usa a vida para dominar o remorso e a dor que expiaram Dele!*

Neste contexto, invertemos a razão e a verdade: consideramos como mais “nobre” e “forte” aquele que carrega o fardo da “moral superior” e defende com a morte os hábitos de costume. Mas este homem já está morto!, porque a vida lhe parece indigna, tem vergonha de a viver, e anseia pelo fim do fardo de existir - a vida é difícil de suportar. Nietzsche vai dizer que chegamos a tal ponto de deformação do olhar sobre a existência que não percebemos que este carregador é um escravo, que ele carrega a escravidão, um ser fraco, ao contrário de um criador. Porque carregamos como ideal ético a antiética de nos subjugarmos à vontade de nada e a expiar permanentemente nossas angústias. O ideal ascético é o prenúncio da próxima “catarse” humana.

Como já dissemos, para Nietzsche esta obediência ao niilismo reativo tem condições históricas favoráveis criadas pela religião judaica e depois a cristã, mas deita raízes desde o pensamento grego socrático. Então sobrevém a reação a esta total fraqueza e submissão da *vontade de poder*: o homem começa matando Deus! Porque ao fazê-lo assume para si o papel divino e místico que Ele até então exercia – acentuado pela Reforma protestante, mas já renunciado na interpretação de que Cristo morreu para resgatar nossos pecados. Agora podemos carregar sozinhos os fardos de todas as desgraças, e principalmente, o fardo da eterna esperança. *Não transmutamos nada, apenas substituímos os Ídolos!*

A morte do Filho é igualmente a morte do Pai! – perdoados pelo Crucificado estamos menos carregados de *ressentimento* e *má consciência*, sublimamos menos nossa “nobreza” em sermos fracos pecadores e partimos para assumir os lugares vagos que Eles nos deixaram. Aqui está substancialmente o significado do “*Deus morto*” em Nietzsche. O homem que toma esse lugar não deixa de ser reativo, mas se acha um “homem superior”. Afinal ele agora é o Uno, o único no lugar do Único. Mas a substância da escravidão da vontade de poder e da razão verdadeira continua: a moral de agora é a religião de antes! Por isso Nietzsche traça, no livro IV de Zarathustra, a grande miséria dos que ele chama “Homens Superiores”. Mais uma vez aqui se deve atentar para o fato de ser impossível encaixar qualquer sistema totalitário – como o nazismo ou stalinismo –, em sua filosofia. Acreditamos que estamos dizendo “sim”, mas continuamos falando “não”!

O que diz Nietzsche? “Os deuses também se decompõem! Deus está morto! Deus continua morto! E fomos nós que o matamos! Como nos consolaremos, nós, assassinos entre os assassinos! O que o mundo possuiu de mais sagrado e de mais poderoso até este dia sangrou sob a nossa faca;... quem nos limpará deste sangue? Que água nos poderia lavar? Que expiações, que jogo sagrado seremos obrigados a inventar? A grandeza deste ato é demasiado grande para nós. Não será preciso que nós próprios nos tornemos deuses para, simplesmente, termos o ar de ser dignos dela? Nunca houve ação mais grandiosa e, quaisquer que sejam, aqueles que vierem a nascer depois de nós pertencerão, por causa dela, a uma história mais alta que, até aqui, nunca foi história alguma!”. (*A Gaia Ciência*: 1887)

5. O “Super-Homem”

Só quando todo o niilismo for derrotado pode a vontade de poder ser poder! Eis o que reconhece o “último homem”, o que quer morrer. Para Nietzsche, o niilismo se nega a si mesmo; quanto mais nada ele desejar mais e mais nada impede o *último homem de morrer*, afinal, igual ao Crucificado, para renascer do “nada da reação” para a “plenitude da ação”. A morte de Deus é necessária, uma etapa do fortalecimento, da superação de “homens superiores” para o “super homem”. Enquanto o “novo” for apenas a combinação entre as forças reativas e imperar a vontade de nada, nada mudou, pois continuamos atrelados aos valores estabelecidos.

Mais uma vez se percebe como os conceitos de Nietzsche são categorias do *inconsciente*. Quanto mais e mais as forças reativas são niilistas, quanto mais a vontade de nada se estabelece na mente do “homem Deus”, mais elas mergulham o homem no abismo do nada,

mais e mais ele se sente desprovido de valores, divinos ou humanos. *O niilismo é um animal autofágico – sua fatalidade é devorar-se a si mesmo!* Quando o “homem superior” sai de cena, o cenário está pronto para receber o “último homem”, aquele que começa pelo fim, aceitando que tudo é vão. E se tudo é vão, a mesmice das forças reativas também definham. Assim Nietzsche dá a versão final do niilismo – de tão sem sentido que fez a vontade ser, de nada, o sem sentido dita um último “não” contra si mesmo. O niilismo nega o próprio niilismo. *Então o último homem é o homem que quer morrer!*

Este “homem que quer morrer” está inspirado de destruição, inspirado e ativo. Eis como a “ação” dá o troco à “reação” - o “não” cria disposição em ser “não”, em ser nada. Mas é uma disposição, é, pois uma afirmação do “último homem”. Está tudo pronto para a *transmutação* que Nietzsche tanto amava: no devir, a negação vira afirmação, *é o triunfo da afirmação na vontade de poder*. A *transmutação* inverte a relação de soberania negativa para o domínio da ação afirmativa. Mas esta inversão, o triunfo da ação, só pode acontecer quando as forças negativas se negarem a si mesmas. Logo, o “super homem” é produto da transmutação operada por ela mesma – quando o niilismo se volta contra as próprias forças negativas e destrói a vontade de nada em prol da vontade de poder. O “super homem” só pode surgir posteriormente ao *homem que quer morrer*.

Qual a potencialidade desta transmutação? Ao inverter a negação pela ação, o niilismo não pode mais sustentar sua premissa de infelicidade, tristeza e morte; não pode mais instituir o Uno e descaracterizar com sentimento mórbido de culpa, o múltiplo, isto é, a vida. O homem tem que morrer para matar em si mesmo o desejo de ser o Uno, ou seja, matar o Deus que assumiu em si, abandonar o fardo de carregar os males, os pecados (ressentimento, má consciência, vingança, culpabilidade, etc), de todos os seres e de toda a existência. Se a morte de Deus era necessária como passagem para o surgimento do “último homem”, derrotando o “homem superior”, agora este “último homem” deve morrer, querer matar em si mesmo a “nobreza” do sofrimento e a “beleza” da contemplação ascética - matar novamente Deus, em si mesmo, para surgir finalmente o homem livre, feliz, alegre e ativo.

Então a Filosofia pode voltar, finalmente, a ser criativa, afirmativa, razão do “sim” da vida boa, sem remorso, sem culpa, sem medo de deuses ou dos homens. Sem angústia - o devir que no niilismo precisava ser *dominado* pelo “homem superior” -, o homem transmutado pode ser ele mesmo, não como um fim, mas como a própria essência do universo, inserindo-se num devir mágico e múltiplo – impossível ser um fim! -, pois já não o oprime a apreensão de ser o substituto da perfeição.

Nietzsche nos brinda com o seguinte:

“A grandeza do homem é que ele é uma ponte e não um fim; o que podemos amar no Homem é que ele é *transição e perdição*.

Amo aqueles que não sabem viver senão sob a condição de morrer, porque, ao morrer, ultrapassam-se.

Amo aqueles que um grande desejo enche, porque levam em si o respeito supremo, eles são as flechas do desejo estendido para a outra margem.

Amo aqueles que não têm necessidade de procurar para além das estrelas uma razão de morrer e de se sacrificar, mas que se imolam à terra, a fim de que a terra seja um dia o império do Sobre-Humano.

Amo aquele que só vive para saber e que quer saber a fim de permitir um dia que o Sobre-Humano viva. É assim que à sua maneira ele quer a sua própria perda.

Amo aquele que trabalha e inventa a fim de construir um dia a morada do Sobre-Humano e de preparar a terra, o animal e a planta para a vinda; é assim que à sua maneira ele quer a sua própria perda.

Amo aquele que ama a sua virtude; porque a virtude é a vontade de morrer e flecha infinita de desejo.

Amo aquele que não põe em reserva a mínima gota do seu espírito, mas que é a quintessência da sua própria virtude; é no estado de espírito quintessenciado que ele ultrapassará a ponte.

Amo aquele que faz da sua virtude a sua tendência e a sua fatalidade; é assim que por amor à sua virtude ele quer, ao mesmo tempo, viver ainda e não viver mais.

Amo aquele que não quer de modo algum ter demasiadas virtudes. Uma virtude é mais virtude do que duas, é um nó forte onde se prende o destino.

Amo aquele cuja alma na sua prodigalidade recusa qualquer gratidão e nunca dá nada; porque ele dá sempre e não reserva nada para si.

Amo aquele que se envergonha quando os dados lhe são favoráveis e que se pergunta a si mesmo, então: ‘Serei um trapaceiro?’. Porque a sua vontade é morrer.

Amo aquele que espalha diante das suas ações uma ramagem de palavras douradas e que suporta mais do que prometeu; porque a sua vontade é morrer.

Amo aquele que de avanço justifica os homens futuros e liberta os do passado; porque a sua vontade é morrer pelos de hoje.

Amo aquele que castiga o seu Deus porque gosta do seu deus; porque ele morrerá da cólera do seu Deus.

Amo aquele cuja alma é profunda até nas suas feridas e que pode morrer de qualquer incidente fútil; porque é de boa vontade que ele atravessa a ponte.

Amo aquele cuja alma transborda ao ponto de perder a consciência de si mesmo e de levar todas as coisas nele; assim é a totalidade das coisas que causam a sua perda.

Amo aquele que é livre de coração e de espírito; a sua cabeça serve de entranhas para o seu coração e é o seu coração que o leva a morrer.

Amo todos aqueles que são parecidos com aquelas pesadas gotas que caem uma a uma da nuvem negra suspensa em cima dos homens; eles anunciam que o relâmpago está próximo, morrem por serem os seus anunciadores.

Aqui está, sou o anunciador do raio, sou uma pesada gota caída da nuvem; mas este raio é o Super-Homem”. (*Assim falava Zaratustra, Prólogo, 4: 1883*)

6. Eterno Retorno

A afirmação de um ser afirmativo imolado à Terra exige, portanto, a aceitação da multiplicidade do devir – aceitação do Uno dentro do múltiplo, do ser dentro do devir, não o inverso. Por sua vez, se o devir que absorve o ser é múltiplo, cada *ação* absorverá apenas uma ou um pequeno conjunto de possibilidades. Mais do que uma explicação física – de espaço finito e tempo infinito, que Nietzsche também abordou -, a grande sabedoria do eterno Retorno é possibilitar ao “super homem” que realize sempre de forma inovadora e

seletiva o devir de sua existência, infinitamente criativo e inovador. Enquanto a *reação* era negativa e precisou terminar em *um fim de nada sobre coisa alguma*, a *ação* afirmativa já pressupõe toda a potencialidade e plenitude de experimentar infinitamente toda a multiplicidade, algo vedado à *negação*.

A *negação* era de uma convergência mórbida, enquanto a *afirmação* é uma alegria. Para realizar isto, o homem *precisa morrer e renascer*, ou, matar sempre seus valores já entronizados e recomeçar do fim do niilismo apocalíptico a vida diferente desde a sua compreensão e essência. Não se trata, pois, exatamente de uma morte física, mas de um morrer e renascer espiritual. O escravo que adquire o poder não morreu e continua escravo porque não transmutou essencialmente valores e condições de existência absorvidas no devir multifacetado. Da mesma forma, o escravo que ativamente preferiu morrer para renascer fora do rebanho, é um homem livre e eternamente livre, um “andarilho das estrelas”. Nele a vontade de poder é eterna como seu Retorno é eterno.

Gilles Deleuze, importante pensador francês contemporâneo, diz a propósito do eterno Retorno na sua obra “Nietzsche”: “O que quer que eu queira, “devo” querê-lo de tal maneira que lhe queira o eterno Retorno”. O eterno Retorno é desejado porque é a alegria de poder. A ressurreição do homem é a do “super-homem”, aquele que *seleciona* viver plena e afirmativamente a vida - mesmo que tenha vivido outrora de forma niilista, sem sentido, reativa, sem ação, ainda assim essas fraquezas, essas mazelas são impossíveis na vida ativa porque são características da *negação* e não da *afirmação* da vida. E assim, a cada etapa de *transmutação*, a cada rejuvenescimento, mais e mais o “super-homem” se torna “Super”. *A volta é a mesma, mas não a mesma coisa!*

A idéia de que tudo volte da mesma forma, que a volta seja ao mesmo, só pode ser entendida na obra de Nietzsche como a parte de um *Zarathustra doente*, que acredita que existe um “ciclo” de repetição da “vontade de nada”. Mas não é assim: o *Zarathustra convalescente e quase curado* percebe que a *afirmação* expulsa da volta tudo quanto é o mesmo, o ressentimento, a angústia da culpa, a “nobreza” do sofrimento, a “beleza” da dor que lhe causa o fardo de carregar todos os males do mundo, enfim, a morbidez da esperança em ser aceito, de ser perdoado, de se poder auto-penitenciar, ou mesmo de se vingar pelo poder adquirido – tudo ações castradoras da vida.

De forma definitiva, o eterno Retorno em Nietzsche não é mais algo aterrador, como é no pensamento ascético, porque não é a costumeira vida vista como ciclo de perpétua repetição do niilismo. O niilismo já se negou a si mesmo de tanto se negar! Já o homem ressuscitado é “outro”, se insere no devir como potencialidade múltipla sempre afirmativa, expurgado tudo o que era opressão, tensão, depressão, ansiedade, frustração, incompreensão, covardia, violência, prepotência, etc. A filosofia de Nietzsche apregoa finalmente aos homens não o terror da mesmice moral sem esperança, mas a esperança de uma ética verdadeira e inovadora.

A *transmutação* tem o benefício de alegrar na morte, pois a vida seguinte é muito melhor. Não é um consolo apenas nas categorias psíquicas e do inconsciente: é um chamado à prática da iconoclastia e do pensamento como arte criativa, um viver dentro da riqueza das possibilidades da vida, das suas causalidades e contingências – que agora é possível aceitar

porque não são consequência da ansiedade e angústia, sofrimento e solidão, se sentir culpado por fraqueza, desperdício, apatia, uma moral do nada, sem vontade e sem poder. A transmutação é uma fuga da “beleza” de ser “cordeiro”, a rejeição de ser tudo menos a si próprio. É alegria de viver, não a tristeza de não ser nada. A morte já é o experimentado e repetido; o futuro é a exuberante potencialidade de mim mesmo. A subjetividade do ser no lugar da fraqueza e escravidão do rebanho.

O eterno Retorno é a afirmação desdobrada e redobrada. E será sempre a felicidade, porque *não existe volta para a negação*, para o “não”. Após a morte do “último homem”, cessa toda a mesquinhez e o raquitismo humano, nasce o “sim” com toda a força e a imponência de um homem sem medo e sem ter que justificar a vida, orgulhoso de ser - e se ele é, ele pode, ele pode dar, afinal ele dá! *O niilismo está definitivamente derrotado!*

O medo ultrapassado pelo eterno retorno – Nietzsche:

“Mas se tudo está determinado, como posso dispor dos meus atos?” O pensamento e a crença são um peso que pesa sobre ti, tanto e mais do que qualquer outro peso. Dizes que a alimentação, o lugar, o ar, a sociedade te transformam e te condicionam? Muito bem, as tuas opiniões ainda o fazem mais, porque são elas que te determinam na escolha da tua alimentação, da tua morada, do teu ar, da tua sociedade. Se assimilas este pensamento entre os pensamentos, ele te transformará. Se, em tudo o que quiseses fazer, comesas por perguntar a ti mesmo: ‘É certo que o queira fazer um número infinito de vezes?’, será para ti o centro de gravidade mais sólido.

... A minha doutrina ensina: ‘Vive de tal maneira que devas *desejar* reviver, é o dever – porque tu reviverás, de qualquer modo! Aquele cujo esforço é a alegria suprema, que se esforce! Aquele que gosta sobretudo de repouso, que repouse! Aquele que gosta antes de tudo de submeter-se, obedecer e seguir, que obedeça! Mas *que saiba bem* para onde vai a sua preferência e que não recue diante de *nenhum meio*! Aí está a *eternidade*!’

Esta doutrina é doce para aqueles que não têm fé nela; não tem nela nem inferno nem ameaças. Aquele que não tem a fé não sentirá nele senão uma vida *fugitiva*”. (1881, *A Vontade de Poder*)

Alguns cuidados:

Com relação a Nietzsche devem-se ter alguns cuidados para não se cometer erros muito comuns sobre sua obra: 1. acreditar que a *vontade de poder* signifique “desejo de dominar” ou “querer o poder”; 2. crer que quando Nietzsche fala dos *fortes* e *fracos* esteja se referindo aos fortes como “poderosos” num regime social, ou que os fracos sejam os “excluídos” desse regime; 3. que o *desejo de morte* ou a necessidade de se extinguir tenha a ver com “exterminação” física de indivíduos, quando se trata em realidade da função histórica do niilismo como força que se anula e da crítica à mesmice de valores e crenças; 4. sobre o *eterno Retorno* que seja o mesmo ciclo de retorno do Mesmo e ao Mesmo – o niilismo é condição histórica, não do ser; 5. que se fortaleça o egoísmo ou um individualismo inconsequente e sem limites de decência – porque um indivíduo que está preocupado em ser ele mesmo e se incorporou à plenitude das forças do universo deveria ter sentimentos de ressentimento e remorso?; 6. sobre a obra de Nietzsche que ela seja produto de loucura, e como tal que ela seja excessiva e desqualificada.

III – OBRA

- 1871 – O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música
1873 – A Filosofia da Época Trágica dos Gregos (publicado postumamente)
1873 – Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral (publicado postumamente)
1873 – Considerações Intempestivas I – “David Strauss”
1874 – Considerações Intempestivas II – “Utilidade e Inconveniente dos Estudos Históricos”
1874 - Considerações Intempestivas III – “Schopenhauer Educador”
1876 – Considerações Intempestivas IV, “Richard Wagner”
1878 a 1880 – Humano, Demasiado Humano (I - Humano, Demasiado Humano: 1878; II - Opiniões e Máximas: 1879; III - O Andarilho e sua Sombra: 1880)
1881 – Aurora
1882 – A Gaia Ciência
1883 a 1885 – Assim Falou Zaratustra
1886 – Para Além do Bem e do Mal
1887 – Para a Genealogia da Moral
1888 – O Caso Wagner
1888 – Crepúsculo dos Ídolos
1888 – O Anticristo
1888 – Nietzsche contra Wagner
1888 - Ecce Homo
1881 a 1888 – A Vontade de Poder*
1871 a 1888 – Ditirambos de Dionísio (coletânea de poemas, publicada postumamente)

* A *Vontade de Poder* não é propriamente um livro de Nietzsche, mas um apanhado de passagens, notas e pequenos trechos que o autor “coleccionava” desde 1881. Foram unidos segundo um plano supostamente pensado por Nietzsche em 1887 e publicado em 1888 após sua doença se agravar. Devido à não cronologia exata na versão conhecida que reuniu esses escritos, gerou-se muita polêmica, pois ficou dificultado o entendimento do desenvolvimento do pensamento do autor, o que pode induzir, muitas vezes, a interpretações no mínimo discutíveis quanto às posições de Nietzsche. Os textos sobre o “Niilismo” e o “Eterno Retorno” são parte destes escritos de *Vontade de Poder*, e são exemplo disso. Esta situação foi agravada, já que, por decisão de sua irmã Elizabeth, *Vontade de Poder* foi publicado antes de *Ecce Homo*.